

5º DOMINGO NA QUARESMA

TEXTO: EZEQUIEL 37.1-14

1. INTRODUÇÃO:

a. AUTORIA

O autor é o profeta Ezequiel, filho de Buzi, o sacerdote. O seu nome *יְהִיזְקִיָּאל* significa “que Deus fortaleça”, apropriado para o seu chamado de proclamar a mensagem de julgamento, seguida de mensagem de restauração. O local que Ezequiel tem sua primeira visão é junto ao rio Quebar, provavelmente no sudoeste da Babilônia, atual Iraque, localizado próximo da antiga Nipur, entre Bagdá e Basra. Quanto à data, o capítulo 1 parece juntar duas introduções distintas e duas datações: “No trigésimo ano, no quinto dia do quarto mês” (v. 1), é uma data obscura e pode se referir a idade do profeta; e “No quinto dia do referido mês [4º], no quinto ano de cativeiro do rei Joaquim” (v. 2), isto é, cinco anos depois do primeiro grupo ser levado ao Cativeiro Babilônico (Ezequiel entre eles), aproximadamente em julho do ano 593 a.C. (na datação moderna). Há a possibilidade de que Ezequiel tenha exercido o seu ministério dos 30 aos 52 anos de idade, conforme o tempo de serviço ativo dos sacerdotes em Números 4 (v. 47): “Da idade de trinta anos para cima até os cinquenta”, visto o último escrito datado de Ezequiel aparecer no capítulo 29 (vs. 17, 18): “No vigésimo sétimo ano, no primeiro mês, no primeiro dia [...] o rei Nabucodonosor, da Babilônia, conduziu o seu exército num difícil ataque à cidade de Tiro”, em abril do ano 571 a.C.¹. Não há registros do ministério de Ezequiel e nem detalhes de sua vida em outros livros bíblicos, e o seu estilo literário autobiográfico sugere um único escritor. “Ezequiel é o único livro profético escrito completamente em primeira pessoa. Encontramos a experiência de Ezequiel não através de um narrador em terceira pessoa, mas como ele a descreveu por sua própria boca”².

b. MENSAGEM DO LIVRO

Ezequiel foi escolhido por Deus como atalaia do povo de Israel no Cativeiro Babilônico para anunciar juízo e restauração. Em sua mensagem de juízo, Ezequiel mostrou que a infidelidade de Israel e Judá foi o motivo de o Senhor ter retirado a sua glória sobre o

¹ *Bíblia de Estudo NAA*. Sociedade Bíblica do Brasil, Barueri, SP, 2021, p. 1383.

² DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. *Introdução ao Antigo Testamento*, Editora Vida Nova, São Paulo, SP, 2005, p. 312.

seu povo escolhido; e, por meio do arrependimento, a glória do Senhor seria restaurada. Em sua mensagem de restauração, Ezequiel mostrou que Deus não desistiu de seu povo amado, mas prometeu reerguer uma nova nação governada por um novo Rei semelhante ao rei Davi, o único capaz de ser o Bom Pastor do rebanho de Deus, cujo o seu Reino não terá fim.

Palavras-chave: Exílio, Glória, Israel, Juízo, Restauração e Senhor.

c. ESBOÇO

O livro é dividido em três grandes partes: (1) anúncio de julgamento para Israel, caps. 1 – 24; (2) anúncio de julgamento para outras nações ou povos gentios, caps. 25 – 32; e (3) visões de restauração do povo de Deus, caps. 33 – 48. Há a possibilidade de separar uma quarta parte dos caps. 40 – 48³.

(1) *Chamado de Ezequiel e o Anúncio de Julgamento para Israel (caps. 1 – 24)*: [5º ao 7º ano de exílio]. Dos capítulos 1 ao 3, Ezequiel tem a primeira visão do SENHOR e, nesta, a voz de Deus o chama para anunciar juízo sobre Israel e Judá. Dos capítulos 4 ao 24, o centro da mensagem de Ezequiel é a queda profética de Jerusalém por Nabucodonosor; a destruição do Templo e a denúncia: “os pecados de idolatria do povo foram os motivos da destruição de Israel e do atual exílio”.

Destaques para os capítulos: 3.16-21: Ezequiel posto por Deus como o vigia do povo de Israel. Capítulos 8 – 11: Ezequiel tem a segunda visão do SENHOR, ao qual é levado até o Templo de Jerusalém e vê idolatrias contra Deus; a morte de todos os deixados em Jerusalém que não foram marcados; a retirada da glória do SENHOR do Templo; a punição das autoridades civis; o anúncio de uma Nova Aliança de Deus com Israel; e a promessa do retorno do povo escolhido à Jerusalém. Capítulos 15 – 17: Comparação de Jerusalém a uma parreira inútil e à uma prostituta; a parábola das águias e da videira com o anúncio de esperança; e a reafirmação da Nova Aliança. Capítulo 18: Cada uma paga pelos seus próprios pecados, mas quem se arrepende viverá. Capítulo 20: Alguns líderes pedem uma resposta de Deus a Ezequiel, e o SENHOR os responde lembrando os pecados dos seus descendentes durante os 40 anos no deserto rumo à Terra Prometida. E capítulos 23 e 24: Outra comparação de Samaria e Jerusalém à duas prostitutas; a parábola da panela de fogo – Deus tira dos israelitas o seu maior amor: o Templo; e Deus toma a esposa de Ezequiel como ação simbólica.

(2) *Profecias Contra as Nações Estrangeiras (caps. 25 – 32)*. [10º ao 12º e 27º ano de exílio]. Depois que a queda de Jerusalém foi retratada como tendo ocorrido, a atenção se volta

³ *Bíblia de Estudo da Reforma*. Sociedade Bíblica do Brasil, Barueri, SP, 2017, p. 1280.

às nações nas proximidades de Israel, numa série de profecias e juízos contra Amom, Moabe, Edom e Filisteia, no capítulo 25; Tiro e Egito, nos capítulos 26 – 32; e Sidom, no capítulo 28.20-23.

Destaques para os capítulos: 28.24-26: Bênção para o povo de Deus com a promessa de retorno à terra de Canaã. E capítulos 29.17 – 32ss: Há um deslocamento do 11º ano para o 27º ano de exílio, com o juízo profético da queda do Egito e a revelação de que Nabucodonosor trabalha para o SENHOR.

(3) *Profecias e Visões sobre a Restauração de Israel (caps. 33-39)*: [12º ano de exílio]. Ezequiel passa a descrever o triunfo final do povo de Deus e a profecia messiânica de que Israel será governada por um novo Rei semelhante ao rei Davi.

Destaques para os capítulos: 33: Um sobrevivente de Jerusalém anuncia a queda da cidade; Ezequiel posto por Deus como o vigia do povo de Israel – repetição do capítulo 3.16-21; e o resultado da mensagem do profeta – cada um é responsável pelos próprios pecados, mas quem se arrepender viverá. Capítulo 34: Deus será o Pastor do seu rebanho e lhes dará um novo Rei, semelhante ao rei Davi, para governá-lo – promessa messiânica. Capítulo 37: A visão do vale de ossos secos com a reafirmação da promessa de restauração (ou “ressurreição”) do povo de Deus; e a reafirmação da promessa messiânica de que Deus reunirá Israel e Judá num único povo sob a liderança do novo Rei. E capítulos 38 e 39: A promessa de um novo começo para o povo de Israel.

(4) *A Visão do Futuro Templo de Jerusalém (caps. 40-48)*: [25º ano de exílio; 14 anos depois da tomada de Jerusalém] Visão da Nova Jerusalém, do Novo Templo e a promessa de que Deus habitará no meio do seu povo para sempre⁴.

d. CONTEXTO HISTÓRICO/POLÍTICO DO POVO DE DEUS

Por mais de 100 anos, Judá foi governado por regentes justos e ímpios; presenciou a expansão e queda do Império Assírio; enfrentou o poderio do Império Babilônico; teve a sua maior derrota com a queda de Jerusalém em 586 a.C.; e foi cativo no Exílio Babilônico por 70 anos. Durante este período, Deus levantou profetas e reis para guiar a nação do Senhor pelo caminho da justiça.

Foram cinco reis que governaram Judá durante a vida de Ezequiel: (1) Josias (640-609 a.C.), rei desde os oito anos, sucessor de seu pai Amom. No oitavo ano do seu reinado, Josias

⁴ TAYLOR, John B. *Ezequiel: Introdução e Comentário*, Edições Vida Nova & Editora Mundo Cristão, São Paulo, SP, 1984, p. 13,14.

começou a adorar o Deus do rei Davi, e quatro anos depois reagiu à imensa pecaminosidade do povo judeu, dando início à reforma religiosa, em 628 a.C., com a destruição de lugares pagãos e estátuas contendo imagens de deuses, como Aserá e Baal, e a abolição de sacrifícios infantis. No 18º ano do seu reinado, em 622 a.C., foi feita a reforma do Templo, onde foi encontrado o livro da Lei de Moisés. Quando o livro foi lido ao rei, Josias ficou perturbado ao entender que os judeus não observavam a Lei, e temeu que Jerusalém seria castigada pela ira de Deus. Josias traçou planos para a observância da Páscoa e cultos no Templo foram reiniciados, de acordo com o que estava escrito no livro da Lei. Pela resposta penitente de Josias, até o final de sua vida Deus poupou Jerusalém.

Com a queda das cidades assírias de Assur, em 614 a.C., e Nínive, em 612 a.C., pelas forças da Média e Babilônia, Judá teve liberdade para ampliar, politicamente, sua influência sobre os territórios do norte, restaurando a esperança do povo judeu. Em 609 a.C., o rei Neco, do Egito, marchou com seu exército para ajudar os assírios numa batalha em Harã. Josias reuniu suas tropas no vale do Megido para combater os egípcios, mas foi gravemente ferido e morreu aos 39 anos (conf. 2 Rs 22.1 – 23.30; 2 Cr 34.1 – 35.27).

(2) Joacaz (609 a.C.), filho e sucessor de Josias, reinou apenas três meses, sendo reportado para o Egito por consequência da intromissão de Josias em questões egípcias (2 Rs 23.31-34; 2 Cr 36.1-4).

(3) Jeoaquim (609-598 a.C.), outro filho de Josias e sucessor de Joacaz, durante o seu reinado, o povo voltou a praticar idolatrias, conforme Ezequiel relata no capítulo 8.1-18. No terceiro ano do reinado de Jeoaquim, em 605 a.C., o exército do Faraó foi completamente derrotado pelos babilônicos. No mesmo ano, Nabucodonosor avançou contra Jerusalém, dominando-a por três anos. Foram reportados para o cativeiro tesouros do Templo e reféns, incluindo Daniel e seus amigos (Dn 1.1-7). Em 601 a.C., o exército babilônico entrou em choque com o Faraó Neco, nas fronteiras do Egito, dando uma brecha para Jeoaquim revidar, expulsando os babilônios. Após alguns anos, Nabucodonosor enviou bandos de caldeus, moabitas, amonitas e sírios para assaltar Jerusalém em 597 a.C., causando a morte de Jeoaquim (2 Rs 23.35 – 24.7; 2 Cr 36.5-8).

(4) Joaquim (597 a.C.), sucessor de Jeoaquim, reinou apenas três meses, se entregando aos babilônios quando Nabucodonosor marchou contra Jerusalém, levando consigo os tesouros reais do Templo e os príncipes e cidadãos mais importantes da cidade para o Exílio Babilônico, totalizando dez mil pessoas, incluindo Ezequiel (2 Rs 24.14; 2 Cr 36.9,10).

(5) Zedequias (597-587 a.C.) foi colocado ao trono no lugar de Joaquim por Nabucodonosor. Ezequiel não reconheceu a realeza de Zedequias, datando os anos de exílio a partir do cativeiro do rei Joaquim (assim descrito em Ezequiel 1.12). O profeta Jeremias escreveu cartas aos exilados afirmando que Nabucodonosor era servo de Deus e que eles não poderiam voltar a Judá pelos próximos 70 anos. Em 586 a.C., os babilônios romperam as muralhas de Jerusalém. Zedequias, o último rei de Judá, foi capturado e levado à Babilônia. O Templo, orgulho e glória do povo judeu, se tornou ruínas⁵.

2. ASPECTOS TEXTUAIS

a. TRADUÇÕES

Um termo que se repete constantemente no capítulo 37 é a palavra hebraica רִיחַ (*Rûah*), que aparece dez vezes e em três sentidos diferentes na NAA: “Espírito (Santo)” – vs. 1 e 14 (e v. 9 na BJ); “fôlego” ou “respiração” – vs. 5, 6, 8, 9 e 10 (e v. 14 nas NTLH e BJ); e “vento” – v. 9. Na LXX, a palavra πνεύμα (*Pneuma*) aparece em ambas as ocasiões com o sentido duplo de “vento” e “Espírito”⁶.

V. 3: O verbo הָיָה (*hayah*): “ser” ou “reviver”, referindo-se aos ossos secos, tem o mesmo significado das ressurreições em 1 Rs 17.22; 2 Rs 8.5; 13.21, sendo essas ressurreições à vida terrena, em que os ressuscitados morreram novamente. Somente no Último Dia que todos os mortos ressuscitarão no sentido completo, descrito em At 26.23: “[...] Cristo devia padecer e, sendo o primeiro da *ressurreição* dos mortos [...]”⁷.

V. 11: O verbo יָבֵשׁ (*yavesh*): “estar seco”, na frase dita pelos israelitas: “os nossos ossos *estão secos*”, isto é, lhes falta umidade na medula – é um ditado que significa “estar desesperado”. O mesmo verbo aparece no Salmo 22.15,16: “*secou-se* o meu vigor”, referindo à morte de Cristo na cruz. O sentido da frase, portanto, significa: “estamos desesperados como os crucificados se desesperam na morte eminente”⁸.

b. SEMÂNTICA

Por se tratar de uma visão, há detalhes simbólicos que apontam para a realidade do povo de Deus no exílio. Os ossos representam o povo de Israel no exílio. Por estarem ali há

⁵ SCHULTZ, Samuel J. *A História de Israel no Antigo Testamento*, Editora Vida Nova, São Paulo, SP, 1980, p. 209-217.

⁶ Taylor, 1984, p. 212.

⁷ HUMMEL, Horace D. *Concordia Commentary: Ezekiel 21-48*, Concordia Publishing House, Saint Louis, MO, 2007, p. 1066.

⁸ Ibid., p. 1069.

mais de dez anos, sua esperança era inexistente. Foi ordenado a Ezequiel profetizar, e ao profetizar, os ossos se ajustaram e se tornaram seres vivos, porém ainda estavam mortos. Foi uma restauração parcial. Foi, então, ordenado a Ezequiel profetizar para o *vento* (“fôlego” ou “Espírito”) para que venha “*e sopra sobre estes mortos, para que vivam*” (v. 9). Desta vez o milagre se completou: os cadáveres se colocaram de pé vivos e formaram “*um enorme exército*” (v. 10).

Na primeira vez que Ezequiel profetizou foi para os ossos, ordenando-os que se ajuntassem e formasse novamente a nação de Israel, semelhante ao seu papel como atalaia do povo de Deus, exortando as pessoas “sem vida” a escutarem a Palavra. Eles, porém, permaneceram “mortos”. Na segunda vez, Ezequiel profetiza para o *Rûah*, Espírito Santo, ordenando-o a intervir e efetuar o milagre da restauração, dando uma *vida nova* àqueles que estavam mortos espiritualmente. É evidente a referência de Gênesis 2.7 na ação do Espírito Santo, tanto em *dar a vida*, como em *ser a vida* para o seu povo⁹.

c. DELIMITAÇÃO DO TEXTO

A promessa de restauração do povo de Israel começa a partir do capítulo 34. No capítulo 36, Deus revela que foi em honra do próprio Nome que preservou viva a nação escolhida, mesmo essa tendo desonrado o seu Senhor (vs. 8-25). Em honra do próprio Nome, Deus promete que irá libertar o seu povo do cativeiro, tirar o seu coração de pedra, dar uma nova vida e um novo espírito, e através do Espírito Santo dar condições de cumprir as Leis e Mandamentos (vs. 26-28) – esta promessa se cumpre na visão de Ezequiel do capítulo 37.1-14. O capítulo 36.29-38 termina com a promessa de bênção para Israel após o retorno à terra dos seus antepassados.

No capítulo 37.15-28, Ezequiel executa uma ação simbólica ordenada por Deus: juntar dois pedaços de paus formando um só – um pedaço representando o reino de Judá, incluindo seus companheiros israelitas que nele habitam, e outro representando o reino de Israel. Esta ação simboliza a união de Judá e Israel num único povo governado por um Rei que será semelhante ao rei Davi. Esta grande nação viverá na terra que Deus preparou “para sempre”, onde o SENHOR habitará num Novo Templo, no meio do seu povo escolhido, e fará uma Nova Aliança eterna.

O recorte da atual perícopes é a visão de Ezequiel do vale dos ossos secos, cuja temática gira em torno da ação do Espírito Santo em santificar o povo de Deus. Como este

⁹ Taylor, 1984, p. 210, 211.

texto precede a promessa messiânica dos versículos 15 ao 28, dependendo da temática escolhida, pode-se estender a leitura até o final do capítulo.

3. ASPECTOS TEOLÓGICOS

a. CATEGORIA DA PROFECIA

A profecia de Ezequiel da restauração de Israel tem, como público alvo, os contemporâneos exilados na Babilônia. Isto fica mais evidente na sequência dos versículos 15 ao 28. Esta profecia se cumpriu, em parte, no Antigo Testamento, no ano 538 a.C., quando o rei da Pérsia, Ciro, lança o decreto ordenando que o povo de Israel retorne a Jerusalém para a reconstrução do Templo, conforme 2 Crônicas 36.22,23. Em parte, porque em Ez 37.24-28, há a profecia messiânica do reinado do “servo Davi” que será o Rei de Israel para todo o sempre, sendo cumprida no Novo Testamento com a vinda de Jesus Cristo.

A profecia de Ezequiel também é atual e escatológica: atual por se tratar do Reino de Deus trazido por Cristo e que nunca terá fim, permanecendo na terra, junto da sua Igreja, até o fim dos tempos; e escatológica por se tratar da *restauração plena da Igreja de Cristo* no Juízo Final, com a ressurreição da carne de todos os santos e a reunião de toda a Cristandade (Igreja Militante e Triunfante) debaixo de um único Rei e Pastor, o Filho Único de Deus, para todo o sempre¹⁰.

b. CATEGORIA TEOLÓGICA

“*Ressurreição*”: A ressurreição de Israel na visão de Ezequiel não é física (como a ressurreição do corpo após a morte natural), mas espiritual para a verdadeira vida. As almas do povo de Deus estão mortas no pecado em meio a um vale sem vida. O vale representa o mundo que, naturalmente, está sem esperança e é totalmente incapaz de se salvar. Cristo veio a este mundo trazendo esperança através da mensagem do Evangelho que dá nova vida. A “ressurreição” de Israel é a ressurreição de toda a Igreja em Cristo.¹¹

Conversão/Santificação – 3º Artigo do Credo: Ezequiel anuncia a Palavra aos ossos sem vida. Eles respondem: se encaixam cada um no seu lugar e são revestidos de pele, porém continuam sem vida. O profeta fez a sua parte: pregou! A melhor e mais eficaz mensagem poderia ter sido anunciada, trazendo os melhores resultados, mas a vida somente pode ser

¹⁰ LUTERO, Martinho. *Obras Seleccionadas Vol. 8*, Editora Sinodal, São Leopoldo, RS; Editora Concórdia, Porto Alegre, RS, 2003, p. 61.

¹¹ SPENCE, H. D. M.; EXELL, Joseph S. (ed.). *The Pulpit Commentary: Ezekiel*. London And New York: Funk & Wagnalls Company, [s. d.], 2 v. p. 269.

trazida por Deus através do seu Espírito e de acordo com a sua vontade. Uma vez que Deus quer salvar toda a humanidade, Ele usa mensageiros e Meios da Graça para agir e produzir nova vida¹². No 3º Artigo do Credo, confessamos a ação milagrosa do Espírito Santo em trazer pessoas à verdadeira vida e mantê-las, através de meios, santificadas para Cristo.

Escatologia da ressurreição dos santos no Juízo Final – O Novo Testamento não cita diretamente Ezequiel 37.1-14, mas em Mateus 27.51-53, quando Jesus expirou, “a terra tremeu”, semelhante a Ez 37.7, e “os túmulos se abriram, e muitos corpos de santos já falecidos ressuscitaram; e, saindo dos túmulos depois da ressurreição de Jesus, entraram na cidade santa e apareceram a muitos”. A morte de Cristo está intimamente ligada à ressurreição de todos os santos. Uma vez que o Novo Testamento declara que Jesus foi o primeiro a ressuscitar dentre os mortos e subiu ao céu; no Último Dia, após o seu retorno, Ele dará a ordem e os santos serão ressuscitados com corpos imortais e gloriosos, igual ao corpo glorioso de Cristo (Jo 5.25-29; 1 Co 15.48-55; 1 Ts 4.13-16). Todas as demais ressurreições relatadas no Antigo e Novo Testamentos são ressurreições para a vida mortal, sinais que apontam para a ressurreição plena e eterna do Juízo Final¹³.

c. COMENTÁRIOS

A visão da destruição de Jerusalém e do Templo foi entendida por Martinho Lutero como símbolo do “fim e a destruição da sinagoga ou do Judaísmo, ou seja, do sacerdócio, do culto e da organização eclesial que lhe foram dados por Moisés e instituído por ele. Isso tudo foi instituído para durar somente até a vinda de Cristo”¹⁴. Lutero expõe que a promessa divina de retorno à Nova Jerusalém e da construção do Novo Templo na visão de Ezequiel, nos capítulos finais, era entendida pelos judeus (e ainda é) como um retorno à Antiga Aliança, mas “Deus promete que deseja criar algo de novo na terra e construir uma Nova Aliança, não como a Antiga Aliança de Moisés com a qual eles sonham. [...] Eles já não serão dois reinos e, sim, um só reino sob o futuro Rei Davi, um Reino que será eterno”¹⁵. “Existem, nesse Reino, os seguintes bens imensuráveis e gloriosos: perdão dos pecados; paz com Deus; segurança diante da morte eterna e de todo o mal; comunhão da majestade divina, de todos os anjos e santos; alegria e prazer em todas as criaturas, também, segundo o corpo, pois o mesmo

¹² Ibid., p. 270.

¹³ HUMMEL, 2007, p. 1078.

¹⁴ LUTERO, p. 55.

¹⁵ Ibid., p. 56.

corpo que agora é o velho corpo deve também renovar-se junto com todas as criaturas, assim como a alma começou a renovar-se na fé”¹⁶.

Sobre a mesma visão de Ezequiel, Dillard e Longman comentam: “Considerando que a passagem inteira [caps. 40 – 48] é uma visão, o melhor é respeitar o caráter essencialmente simbólico do gênero e compreender toda a visão como um retrato simbólico do modo pelo qual Deus abençoaria o seu povo no futuro. Para Israel, o Templo representava de modo preeminente a presença de Deus entre o seu povo. Sob a forma de visão e símbolo [...], o profeta descreve um tempo quando a presença de Deus em Israel transcenderia qualquer coisa na experiência histórica daquela nação, um tempo quando Israel desfrutaria de ordem, paz e de um governo justo. Para os leitores cristãos, tal experiência transcendente da presença de Deus, trazendo a paz e a justiça, aconteceria quando o Senhor encarnado caminhasse pelas ruas de Jerusalém e construísse a sua Igreja como um Novo Templo. A presença de Emanuel marcaria o dia em que ‘O SENHOR está ali’ [cap. 48.35]”¹⁷. E também escrevem: “Ezequiel claramente prenunciava um novo êxodo, um retorno do exílio, uma Nova Aliança e um coração e um espírito renovados para a comunidade da restauração [cap. 36]. A vivificação da nação seria como a ressurreição dos mortos [cap. 37]”¹⁸.

Hummel comenta que na visão do vale dos ossos secos, Ezequiel está atuando na posição de profeta e porta-voz de Deus, “ele deve profetizar para os ossos como se fossem uma audiência viva. Ele proclama que o que está prestes a acontecer será realizado por meio de A Palavra de Deus, pelo qual *Yahweh* tem o poder de cumprir tudo o que promete ao seu povo”¹⁹. Assim vemos a presença da Trindade agindo na restauração de Israel: a “mão de Deus Pai”, que conduz Ezequiel em sua visão; o “Espírito”, para quem Ezequiel profetiza; e também a presença oculta do Filho tanto na Palavra capaz de realizar o milagre, quanto na promessa de Deus do versículo 12: “Eis que *abrirei as sepulturas* de vocês e os *farei sair delas*”, semelhante ao que acontece na morte de Cristo e ligado a ela²⁰.

Quanto a analogia da *ressurreição da carne*, na visão de Ezequiel dos ossos secos, Hummel comenta: “O modelo da criação de Adão em Gênesis 2, que claramente fundamenta a reconstituição dos corpos (ossos, tendões, carne, pele) e dotação com ‘sopro’ em Ez

¹⁶ Ibid., p. 58, 59.

¹⁷ DILLARD; LONGMAN III, 2005, 311.

¹⁸ Ibid., 311.

¹⁹ HUMMEL, 2007, p. 1082. Texto original: “he is to prophesy to the bones as though They were a living audience. He proclaims that what is about to be done will be accomplished through the medium of God’s Word, by which Yahweh has the power to fulfill whatever he promises to his people”.

²⁰ Ibid., p. 1083.

37.4-10, também poderia ser aplicada a uma ressurreição escatológica. Textos muito antigos do AT celebram *Yahweh* como Aquele que mata e vivifica (conf. Dt 32.39; e 1 Sm 2)²¹.

Por fim, o “enorme exército” que habitará em sua terra natal, no versículo 10, “é uma descrição do AT da Igreja Triunfante, a multidão de todas as nações [...] que, ressuscitado corporalmente após o retorno de Cristo, habitará para sempre nos Novos Céus e Nova Terra com Deus no meio deles (Ap 21 – 22)”²².

d. RELAÇÃO COM OS DEMAIS TEXTOS DA SEMANA

Ezequiel 37.1-14 faz parte da perícopé do *Quinto Domingo na Quaresma* (26/03/23), com a temática de *arrependimento* em preparação à Paixão de Cristo e ao Domingo de Páscoa, cujo os demais textos são:

Salmo 130: “Das profundezas clamo a ti” (NAA) – *Oração de peregrinos* – O Salmo inicia com um pedido de socorro em meio ao desespero de uma consciência atormentada pelo pecado; seguido do reconhecimento de que somente em Deus há misericórdia e esperança: “Das profundezas clamo a ti, SENHOR. Escuta, Senhor, a minha voz; [...] Se Tu, SENHOR, observares iniquidade, quem, Senhor, poderá escapar? Mas contigo está o perdão, [...] a minha alma anseia pelo Senhor mais do que os guardas anseiam pelo romper da manhã” (vs. 1-6). E o Salmo termina com um pedido de paciência pela ação misericordiosa que virá de Deus: “Espere Israel no SENHOR, pois no SENHOR há misericórdia. É Ele quem redime Israel de todas as suas iniquidades” (vs. 7,8). A remissão de *todas as iniquidades* se deu na pessoa de Jesus Cristo, que enfrentou o desespero trazido pelos pecados de toda a humanidade em sua morte de cruz.

Romanos 8.1-11: “A vida no Espírito” (NAA). Paulo está falando da *nova vida* em Jesus Cristo como fruto da presença do Espírito Santo. O ser humano não pode cumprir as exigências da Lei, pois este é pecador e inclinado aos desejos carnis. Assim, Deus enviou o seu Filho para cumprir totalmente o que a Lei exigia. Cristo venceu a Lei por nós e nos encheu com o seu Espírito. Agora, não vivemos mais na Lei, mas no Espírito. Não devemos mais pecar, pois quem peca está inclinado ao desejo da carne, é inimigo de Deus e desagrada a Deus. Mas em quem o Espírito Santo faz habitação é de Cristo. Deus, que ressuscitou Jesus

²¹ Ibid., p. 1076. Texto original: “The template of Adam’s creation in Genesis 2, which clearly underlies the reconstitution of the bodies (bones, sinews, flesh, skin) and endowment with ‘breath’ in Ezek 37:4-10, could also be Applied to na eschatological resurrection. Very Early OT texts celebrate Yahweh as the one who kills and makes alive (Deut 32:39; 1 Sam 2:6)”.

²² Ibid., p. 1084. Texto original: “is an OT depiction of the church triumphant, the multitude from every nation [...] which, raised bodily after the return of Christ, shall dwell Forever in the new heavens and new Earth with God in their midst (Revelation 21 – 22)”.

Cristo dentre os mortos, também ressuscitará a nós no Fim dos Tempos, assim como Ele já nos ressuscitou, em parte, para que vivêssemos uma nova vida neste mundo como seus filhos.

João 11.1-45 (46-53) ou João 11.17-27, 38-53: Em ambas as opções o assunto é o mesmo: “Jesus é a ressurreição e a vida” (NAA). Na primeira opção, o milagre (sinal) da ressurreição de Lázaro aponta para o maior milagre que aconteceu na manhã de Páscoa: o próprio Filho de Deus ressuscitou dentre os mortos e revelou que Ele é a ressurreição e a vida, derrotando o poder da morte. A esperança de Marta diante da morte de Lázaro é a esperança de todo ser humano regenerado pelo Espírito: “Eu sei que ele há de ressurgir na ressurreição, no último dia” (v. 24). Na segunda opção, “O plano para matar Jesus” (NAA) relata que fazia parte do plano da salvação de Deus Pai entregar o seu único Filho nas mãos do seu próprio povo a quem quer salvar. Também é da natureza do ser humano pecador resistir a ação graciosa de Deus em conceder vida às pessoas. “Vocês mataram o Autor da vida, a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, do que nós somos testemunhas” (At 3.15).

Sugestão de homilia: O foco, em ambas as leituras, está no anúncio de esperança da vida eterna em Jesus Cristo. Se a leitura principal for o Evangelho, em vista da preparação à Semana da Paixão e Páscoa, pode-se anunciar que a lembrança da morte e ressurreição de Cristo é o sinal que nos prepara para a ressurreição da nossa carne e de todos os filhos de Deus no último dia. No anúncio de Lei, deve-se lembrar que a morte é consequência do pecado. No anúncio de Evangelho, Cristo venceu a morte com a ressurreição, e todos que Nele creem compartilharão desta vitória e passarão por uma ressurreição igual a de Cristo.

Se a leitura principal for a Epístola, pode-se lembrar da ação de Deus Espírito Santo na vida do homem regenerado. No anúncio de Lei, o cristão tem a necessidade do arrependimento diário, pois todos são inimigos de Deus por causa do pecado e naturalmente condenados à morte eterna. No anúncio de Evangelho, pode-se trabalhar com os benefícios trazidos pelos Meios da Graça, pelo qual o Espírito Santo passa a habitar em nós. A ilustração do “já e ainda não” pode ser usada na Lei como Norma: já vivemos a ressurreição da nossa carne (em parte) quando dedicamos a nossa vida a Deus através da ação do Espírito Santo em conceder uma nova vida. Assim, já temos acesso ao Reino de Deus pela fé em Jesus Cristo, mas ainda somos sujeitos às tentações da carne, do mundo e do Diabo.

Se a leitura principal for o Antigo Testamento, pode-se trabalhar num comparativo entre o desespero do povo de Deus no Exílio (distante do lar) com o desespero do ser humano perante a morte, estando, ele, distante de Deus. No anúncio de Lei, assim como os ossos secos obedeceram às palavras ditas pelo profeta, mas não receberam vida, pode-se trabalhar sobre a resistência do ser humano à ação do Espírito Santo, quando Este usa meios. No anúncio do

Evangelho, assim como Deus cumpriu a sua promessa em trazer de volta o seu povo ao seu lar em Canaã, pode-se trabalhar sobre a vontade de Deus em salvar toda a humanidade através das promessas do Antigo Testamento cumpridas em Cristo. O auxílio do Salmo do dia na homilia pode ser usado nesta opção.

Eduardo Schingel